

O Estado de S. Paulo

11/8/1985

Cana leva progresso a Igaraçu do Tietê

EDUARDO MATTOS

Em Igaraçu do Tietê o comércio não fecha aos domingos. As 224 lojas que compõem o pequeno centro comercial deste município de 17 mil habitantes da região de Jaú permanecem abertas para atender a faixa da população de maior poder aquisitivo, que durante a semana não dispõe de tempo para fazer compras: os bóias-frias cortadores de cana, que representam 80% da população local e que são considerados os mais bem pagos do Estado de São Paulo. Em Igaraçu do Tietê, a renda mensal média de uma família de servidores públicos, como são chamados na cidade, é de dez salários mínimos, cerca de Cr\$ 3,3 milhões. Os volantes trabalham ou para a Usina da Barra — a maior do País em produção de álcool e açúcar — ou para fornecedores de cana-de-açúcar contratados pela empresa que, por absorver direta ou indiretamente toda a mão-de-obra local, está provocando um "milagre" econômico na cidade.

"A monocultura da cana-de-açúcar está gerando o desenvolvimento", diz o prefeito José Sahade (PMDB), que também é agricultor e fornecedor de Usina da Barra — ele próprio cultiva 450 hectares e emprega 80 bóias-frias. Sahade afirma que a cana-de-açúcar "não deixa ninguém desempregado na cidade", e lembra que no início da safra deste ano houve até falta de mão-de-obra: "Precisamos contratar trabalhadores rurais de outros Estados, que hoje já estabeleceram residência na cidade".

RECORDE

A interferência da Usina da Barra na economia da cidade pode ser demonstrada principalmente pelo volume de vendas ao consumidor. Só nos primeiros meses deste ano, as 224 lojas — que há pouco menos de dois anos eram aproximadamente 110 — comercializaram Cr\$ 3,1 bilhões em mercadorias, recolhendo Cr\$ 523 milhões de ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias), montante superior em quase 100% ao comercializado ao longo de todo o ano passado. No setor de prestação de serviços, as empresas locais recolheram nos primeiros seis meses deste ano Cr\$ 373 milhões, o equivalente à captação de 20% a mais que durante todo o ano de 1984.

"Isto vai aumentar a arrecadação da cidade, provocando a melhoria da qualidade de vida urbana", exulta o prefeito Sahade — o orçamento municipal deste ano foi de Cr\$ 3 bilhões —, que anuncia para outubro o início das obras do novo Paço Municipal, com 1.438 metros quadrados de área construída, que custará algo em torno de Cr\$ 1 bilhão. O terreno já foi desapropriado e os recursos já estão em caixa. Assim em 10 meses tanto a prefeitura quanto a câmara municipal já estarão funcionando nos novos prédios. Sahade tem outros projetos: até o final do ano concluirá a pavimentação de 140 mil metros quadrados de ruas da cidade, ao custo de Cr\$ 35 mil o metro quadrado, e no próximo ano serão iniciadas as obras do Centro de Lazer do Trabalhador, um conjunto poliesportivo com piscina, campo de futebol e amplo salão de festas.

TV, carros e casa

Há outros indicadores econômicos além do volume de vendas do comércio, onde os bóias-frias investem em bem de consumo como televisão em cores, equipamentos de som e eletrodomésticos em geral. Muitas famílias de trabalhadores rurais já têm veículos populares usados e também começam a construir suas casas, bastante simples, mas em terrenos próprios. "Até a construção civil está sendo reativada por este pessoal que tem dinheiro na mão

e vai comprando material de construção aos poucos", diz o prefeito Sahade, que implantou um programa espacial para a população bóia-fria, como forma de facilitar a obtenção de suas casas: a prefeitura fornece gratuitamente as plantas das residências, que custam por volta de Cr\$ 1 milhão. "Eu costumo avaliar crescimento da cidade pelo telhado das casas", conta o prefeito. "Onde há telhas novas, são casas que acabam de ser construídas", diz ele. Somente este ano, a prefeitura forneceu 80 plantas a bóias-frias que estão construindo, e os pedidos continuam, à medida de cinco por dia.

O programa instituído pela prefeitura está provocando o surgimento de um novo bairro, densamente povoado: o Jardim das Acácias, onde a cada dia aumenta o número de casas construídas. O bóia-fria Élcio de Oliveira dos Anjos, 24 anos, casado e pai de um filho, já começou a construir nas Acácias. Uma casa simples, de quatro cômodos, mas em terreno próprio, que comprou por Cr\$ 2,6 milhões à vista. Élcio veio do município de Flora Rica, na região de Dracena, há quatro anos, com o objetivo de trabalhar em São Paulo. Parou em Igarapu do Tietê, conseguiu emprego e hoje ganha cerca de Cr\$ 1,2 milhão mensais. "Daqui eu não saio", diz ele, enfatizando que "o salário que ganho é suficiente para levar uma boa vida e construir minha casinha".

Além da boa remuneração mensal, os volantes de Igarapu têm assistência médica e odontológica integral, oferecida, no caso dos trabalhadores rurais dos fornecedores de cana, pela Afibb (Associação dos Fornecedores de Cana de Igarapu e Barra Bonita), que no mês de maio, além de ter feito 1.596 consultas, fez sete cirurgias de médio e grande porte nos hospitais conveniados de Jaú, Igarapu e Barra. Os volantes da Usina da Barra também são beneficiados por este tipo de assistência, através de um programa próprio da empresa.

BOA CONDIÇÃO

A cana-de-açúcar foi introduzida em Igarapu do Tietê há 39 anos, quando a Usina da Barra — empresa do Grupo Ometto — instalou-se em Barra Bonita e adquiriu extensas áreas para o plantio em 12 municípios da região, principalmente em Igarapu. Hoje a Usina da Barra é considerada a maior do País em produção: a previsão de moagem para este ano é de seis milhões de toneladas de cana, que resultarão em 340 milhões de litros de álcool e quatro milhões de sacas de 50 quilos de açúcar.

"Há mais de dez anos pagamos bons salários tanto para os trabalhadores rurais quanto para os empregados no setor administrativo", afirma João Alfredo Morelli, supervisor de recursos humanos da empresa, que no ano passado recolheu só em ICM Cr\$ 25 bilhões. Morelli diz que "é uma filosofia da empresa dar boas condições de trabalho e remunerar bem seus funcionários". Entre os trabalhadores rurais, anualmente, há um concurso para apurar o melhor cortador de cana, e no final do ano a Usina da Barra premia os mais eficientes com televisores coloridos e eletrodomésticos.

"Nós pagamos por produção, e aqui é raro quem ganha menos que Cr\$ 1 milhão por mês", enfatiza ele, exibindo as folhas de pagamento de bóias-frias que receberam no mês passado mais de Cr\$ 2 milhões. Durante o período de entressafra, a Usina da Barra não dispensa seus volantes. Eles trabalham no preparo do solo para plantio ou são deslocados para outras funções no campo, ganhando o salário mínimo rural. Hoje a usina emprega 9.500 funcionários, 2.700 dos quais moradores em Igarapu do Tietê. O restante da população bóia-fria da cidade é absorvido pelos fornecedores da usina. Há, ainda, uma política interna de equiparação salarial dos trabalhadores rurais com os funcionários da empresa que tem dissídio regulado pela Federação dos Trabalhadores na Indústria do Açúcar e do Álcool. Sempre que os empregados conseguem reajuste salarial superior aos volantes, a empresa faz a equiparação. A política salarial da Usina da Barra interfere diretamente na adotada pelos fornecedores da empresa, que pagam a seus bóias-frias os mesmos valores.

(CAMPINAS, AG. ESTADO)

(Página 30)